

Coleção
Estudos sobre família

A VOZ DOS AVÓS: FAMÍLIA E SOCIEDADE

VOLUME 4

LÚCIA VAZ DE CAMPOS MOREIRA
ELAINE PEDREIRA RABINOVICH
CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

ORGANIZADORAS



Coleção
Estudos sobre família

A VOZ DOS AVÓS: FAMÍLIA E SOCIEDADE

VOLUME 4

**LÚCIA VAZ DE CAMPOS MOREIRA
ELAINE PEDREIRA RABINOVICH
CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS**

ORGANIZADORAS



Lúcia Vaz de Campos Moreira
Elaine Pedreira Rabinovich
Cristina Maria de Souza Brito Dias
(Organizadoras)

A VOZ DOS AVÓS: família e sociedade.
Coleção Estudos sobre família – Volume IV



EDITORA CRV
Curitiba - Brasil

2017

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação: Editora CRV
Capa: André Vaz de Campos Moreira Tourinho
Revisão: Os autores e Marize Marques Pitta

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

V977

A voz dos avós: família e sociedade / Lucia Vaz de Campos Moreira, Elaine Pedreira Rabinovich, Cristina Maria de Souza Brito Dias (organizadores). – Curitiba: CRV, 2017.
298 p. (Estudos sobre família. v. 4)

Bibliografia

ISBN Coleção 978-85-444-1187-2

ISBN Volume 978-85-444-1699-0

DOI 10.24824/978854441699.0

I. Psicologia 2. Interdisciplinar 3. Educação 4. Sociedade I. Moreira, Lucia Vaz de Campos, org. II. Rabinovich, Elaine Pedreira. org. III. Dias, Cristina de S. B. (org.). IV Título V. Série.

CDD 150

Índice para catálogo sistemático
1. Psicologia 150

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

CAPÍTULO 2

AVÓS: memória e patrimônio cultural na região dos Açores

Ana Isabel Silva⁹

O Futuro Perfeito

À minha neta Anica

*A neta explora-me os dentes,
Penteia-me como quem carda.
Terra da sua experiência,
Meu rosto diverte-a, parda
Imagem dada à inocência.*

*Finjo que lhe como os dedos,
Fura-me os olhos cansados,
Íntima aos meus próprios medos
Deixa-nos sossegados.*

*E tira, tira puxando
Coisas de mim, divertida.
Assim me vai transformando
Em tempo da sua vida.*

(Vitorino Nemésio, O Verbo e a Morte)

1. Introdução

Ao pensar em patrimônio cultural, imediatamente associamos o termo aos conceitos de memória e identidade, tal como nos refere Pelegrini (2007, p.1): “uma vez que entendemos o património cultural como [*locus*] privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade”. Para Pelegrini (2006), as noções de patrimônio cultural estão vinculadas às noções de lembrança e de memória, sendo estas fundamentais no que diz

⁹ Professora Auxiliar na Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI-SCD), UAB. E-mail: anizabel063@gmail.com

respeito a ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função das relações que mantêm com a identidade cultural.

Patrimônio é, simultaneamente, algo que recebemos do passado, experimentamos no presente e transmitimos às gerações futuras. Admitimos, de acordo com Pelegrini (2007, p. 3) que “[...] o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentimento de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos”; esse sentimento acaba por confirmar uma identidade cultural.

Os Açores, desde muito cedo, começaram a desenvolver o seu patrimônio cultural de várias formas, entre elas se destacam os contos ou casos e cantilenas, contados de geração em geração, que podemos identificar como literatura oral. Também a criação literária acompanhou os açorianos praticamente desde o povoamento do arquipélago. Neste sentido, Cabral (2015, p. 77) salienta:

A história literária dos Açores deverá começar com Gaspar Frutuoso (1522-1591), jesuíta doutorado em Salamanca, que, passado menos de um século do povoamento das ilhas, começa a escrever crônicas, poesia e até uma novela à maneira de *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, integrada nas suas *Saudades da Terra*, Livro Quinto (2005).

Neste texto, apresentamos algumas cantilenas que foram contadas às crianças para adormecer e contos que eram contados nos serões de inverno, pelos avós, especialmente durante a matança do porco e no esgalhar do milho, que recolhemos na ilha de São Miguel, Açores. Essas cantilenas e contos revelam um passado sociocultural que, muitas vezes, ainda se faz presente.

Nos Açores, e em particular na ilha de São Miguel, onde realizamos a nossa pesquisa em 2008, os avós desempenham um papel importante para alguns agregados familiares, nomeadamente em nível econômico, e também nos cuidados com as crianças: alimentação, higiene, sono, bem como mediante brincadeiras e passeios (SILVA, 2011).

2. O contexto socioeconômico e cultural da Ilha de São Miguel

Em 1950, a ilha de São Miguel era constituída por uma cidade, cinco vilas e 23 freguesias. Ponta Delgada apresentava-se como uma cidade grande, rica e populosa. Como meio de sobrevivência, e por condicionalismos das características agrícolas do distrito, em 1950, 63,7% da população trabalhava no setor primário; 74,0% trabalhava na terra, parcial ou totalmente cultivada sobre a forma de arrendamento. No setor secundário e terciário, respetivamente, 14,4% e 21,7% da população fixavam a sua atividade nestes setores (GOUVEIA; ARTUR; MEDEIROS, s.d., p. 24-25).

De acordo com os autores, em 1950, existia na ilha de São Miguel 38,8% de analfabetos, 10,4% concluiu a instrução primária e 1,3% o curso superior. Já existiam escolas primárias e um liceu, desde os fins do século XVIII. Quanto ao ensino superior, só em 1976 foi criado o Instituto Universitário dos Açores, posteriormente Universidade dos Açores.

Para Fortuna, Couto e Faias (2007), nos nossos dias, o setor da educação, nos Açores, caracteriza-se, essencialmente, por um forte crescimento no número de inscrições na educação pré-escolar e uma preferência pelo ensino profissional.

O aproveitamento escolar é medido por meio da taxa de transição/aprovação que acaba por oscilar entre 82,8% no 4.º ano e 45,5% no 12.º ano. Daqui se pode concluir que se manifesta um maior aproveitamento escolar nos ciclos do ensino básico e obrigatório do que no secundário.

Verifica-se, também, um aumento dos níveis de investimento e das despesas públicas aplicadas a este setor, que se traduzem, principalmente, na expansão do ensino secundário, na generalidade dos conselhos da região, mediante a ampliação e construção de infraestruturas, dotando as escolas de laboratórios e outros equipamentos destinados ao ensino experimental das ciências e tecnologias.

O setor que absorve mais emprego é o terciário, embora o setor primário da economia tenha, ainda, algum peso. A atividade econômica tem como motor o setor público e os setores de especialização tradicional (a agricultura e a pesca), em particular a produção pecuária e as indústrias conexas.

Ainda neste setor, as atividades ligadas à Administração Pública, Educação, Saúde e Ação Social são as que apresentam um maior peso na estrutura da economia açoriana. O setor do Turismo tem vindo a constituir-se como um novo pilar da base econômica regional, pela dimensão e pelo papel que começa a assumir no conjunto da economia. A produção pesqueira dos Açores é superior às necessidades alimentares da população, sendo este fator de grande relevância estratégica, em termos de autossustentabilidade. O índice de envelhecimento na ilha de São Miguel Açores é de 80,5%, mais baixo do que no Continente, que é de 146,9% (INE, 2016).

3. Família, sociedade e cultura

Em termos sociais, nos últimos anos, verificaram-se enormes transformações que condicionaram as características da família atual: o aumento do número de divórcios, o planejamento familiar, a mudança do papel da mulher, o maior poder dos filhos, a valorização do amor e a diminuição do número de descendentes (SILVA, 2011).

Ramos salienta que a família constrói, no seu espaço familiar, laços de solidariedade e identidade, e acrescenta que:

Apesar do aumento das separações, dos divórcios e do trabalho feminino, das exigências laborais, da distância e mobilidade geográfica das famílias, da valorização dos valores individualistas que acentuam a independência e a autonomia, os quais podem dificultar os papéis e as relações intergeracionais e contribuir para o aumento de idosos que vivem sozinhos, estes factores não eliminaram as solidariedades familiares intergeracionais, nomeadamente nos cuidados às crianças ou aos idosos, no apoio na doença ou em momentos de crise ou mudança [...]. De facto, não foi eliminado o “altruísmo participativo” (MOSCOVICI, 2001, in RAMOS, 2005, p. 202).

Para Ramos (2005), o papel e o poder dos avós estão sendo hoje reforçados na família, na educação da criança, na legislação e na sociedade, nomeadamente na sociedade portuguesa, tendo-se reconhecido, em Portugal, o dia 26 de julho como o Dia Internacional dos Avós. Na cultura popular portuguesa, ser avó ou avô é ser mãe e pai duas vezes (SILVA, 2011).

Em São Miguel e, de acordo com os censos 2011, o tipo de família predominante é o casal (com e sem filhos). Houve um aumento dos núcleos familiares monoparentais e das pessoas que vivem sós, bem como das famílias recompostas (INE, 2011).

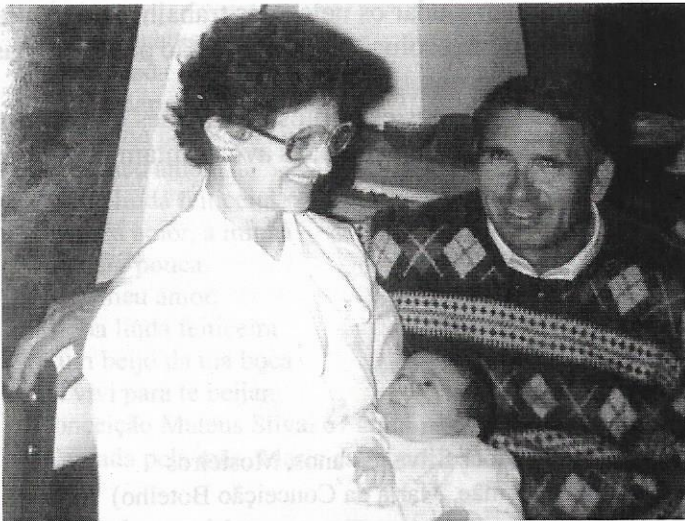
As famílias com descendência numerosa continuam a ter uma expressão significativa na ilha de São Miguel, essencialmente numa zona da Ilha, Concelho da Ribeira Grande, em particular na vila de Rabo de Peixe.

4. Relações entre avós e netos

Em função da longevidade, as pessoas idosas constituem, hoje, um segmento da sociedade que vem adquirindo mais visibilidade. Assim, na esfera familiar, evidencia-se uma pluralidade de configurações, como as famílias de idosos e as famílias com idosos.

A coexistência de várias gerações também começou a ser comum, em que identificamos o convívio intergeracional como algo benéfico, que pode ser estimulado com a perspectiva de um enriquecimento mútuo, por meio da troca de afeto e conhecimentos e de comunicação entre as gerações (SILVA, 2012).

De acordo com Ramos (2014), são múltiplos os fatores que influenciam as relações entre os avós-netos, em nível de um maior ou menor envolvimento, podendo ser a estrutura psíquica dos avós, a história familiar, a saúde, o meio social e cultural onde vivem e o tipo de relacionamento com os filhos.

Fotografia 1 – Avós e neto (Ponta Delgada, Açores, Portugal, 1986)

Autora: Ana Silva

Da nossa experiência profissional e pessoal, sabemos que os avós podem contribuir para o desempenho escolar e para a formação e o desenvolvimento pessoal da criança e adolescente, por meio de histórias, casos e do ensino de tarefas e valores. Os idosos podem ajudar a criança na sua socialização e no seu relacionamento na escola. Partindo do pressuposto de que os avós e netos são educadores e educandos no seu dia a dia, procurou-se compreender qual o papel das relações intergeracionais avós-netos durante a primeira infância.

Num estudo exploratório, por nós realizado, em 2010, na ilha de São Miguel, com 120 crianças do 1º ciclo do ensino básico, cujo objetivo era o de perceber o tipo de colaboração que os avós tinham na educação dos netos, chegamos às seguintes conclusões:

- a. Os avós são referidos pelos netos, na sua maioria (80%), como as pessoas mais importantes da sua vida; a relação entre eles é de autoridade, sendo os mesmos repreendidos quando não obedecem aos avós;
- b. O que as crianças mais referem que os avós fazem (92%) são os cuidados com a alimentação, vestuário e contar histórias/contos;
- c. As histórias/contos fazem parte da relação avós/netos. Outros valores são passados por meio de conversas, orações, histórias de vida e brincadeiras;
- d. As crianças referem que os avós dão carinho, afeto, castigam e aceitam esta autoridade sem questionamento.

Por sua vez, os avós valorizam muito a escola, a educação e, quando sentem que não conseguem ajudar os netos nos trabalhos da escola, definem estratégias para encontrar uma solução. Os avós estão presentes nas festas da escola e colaboram nas mesmas.

A seguir, registramos alguns exemplos de canções que encontramos ao longo da ilha de São Miguel. Ainda hoje, as avós cantam para os netos algumas destas canções.

Dorme meu menino

Dorme meu menino

Dorme meu amor

Que a mãe vai lavar

Os teus paninhos vêm já.

Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros

(Cantada pela mãe, Maria da Conceição Botelho)

Esta noite eu dormi fora

Esta noite eu dormi fora

Debaixo duma roseira

Com as folhas fiz a cama

E os botões a cabeceira.

Conceição Virgílio, 84 anos, Nordeste

(Cantada pela mãe, Conceição Martins)

Rua abaixo rua acima

Rua abaixo rua acima

Mariquinhas à janela,

Enfiando contas de ouro

Numa fitinha amarela.

Chamaste-me preta, preta.

Sou preta, mas sou airosa.

Também a pimenta preta

Faz a comida saborosa.

Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros

(Cantada pela mãe, Maria da Conceição Botelho)

Vem meu amor

Vem, meu amor,
 Minha linda feitiçeira,
 Que eu daria a vida inteira
 Só por um beijo dos teus.
 Vem, meu amor,
 Minha linda feitiçeira,
 Pelo teu amor, a minha
 Vida era pouca.
 Vem, meu amor,
 Minha linda feitiçeira
 E um beijo da tua boca
 Eu vivi para te beijar.
 Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros
 (Cantada pela mãe, Maria da Conceição Botelho)

Cantilenas de adormecimento

As cantilenas normalmente eram ditas antes das canções ou as mães ou avós que não sabiam cantar apenas diziam as cantilenas, com o objetivo de protegerem e guardarem os seus filhos durante o sono.

Apego-me aos cravos, abraço-me à cruz,
 Entrego a minha alma ao Coração de Jesus
 Maria Cabral, 85 anos, Nordeste

Anjo da minha guarda
 Meu zeloso guardador
 Pois a ti me confiou
 A piedade divina
 Sempre me rege,
 guarda e ilumina.
 Diamantina Silva, 85 anos, Nordeste

Jesus é meu
 Eu sou de Jesus
 Jesus vai comigo
 Eu vou com Jesus.
 Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros

Cantilenas e contos tradicionais micaelenses contados às crianças

Normalmente, as mães estimulavam e desenvolviam as crianças por meio de cantilenas, durante o dia, ou por iniciativa das próprias mães ou mesmo porque as crianças pediam. Para mostrar aos outros adultos o que elas já eram capazes de fazer, normalmente diziam-lhes para fazer ou dizer determinada cantilena.

Ainda nos nossos dias, algumas destas cantilenas se mantêm, mas são os avós que as dizem, como: põe, põe, palminhas com algumas variações. O mesmo se verifica com as quadras, apenas se ouve ser transmitidas aos mais novos pelos avós.

Cantilenas

Era uma vez...

- Queres um conto de rir, ou de chorar?

- Quero de rir.

- Abre a boca e deixa-o ir.

- Quero de chorar.

- Abre a boca e deixa-o entrar.

(Popular)

Põe, põe

Galinha põe, põe

Ovinhos para o

Menino comer

(Popular)

Palminhas, palminhas

Palminhas de São Tomé

O menino vai comer papinhas

Quando o seu papá vier

(Popular)

Palminhas, palminhas

Palminhas ao Cé

O bebê come papas

O papai bebe café

(Popular)

Quadras ensinadas às crianças desde os 12 meses

Nesta cama me vou deitar
 para dormir e descansar
 Se a morte me vier buscar
 Que não possa falar
 Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros

Apego-me aos cravos
 Abraço-me à cruz
 Entregue a minha alma
 Ao Coração de Jesus
 Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros

Pai nosso pequenino
 Deus me leve a bom caminho
 O demônio não me atente
 Nem de noite nem de dia
 Nem à hora do meio dia.
 Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros

Jesus é mel na boca
 Doçura no coração
 Quem se apega com Jesus
 Tem certa a salvação.
 Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros

O coração mais os olhos,
 São dois amigos leais
 Quando o coração está triste
 Logo os olhos dão sinais.
 Conceição Mateus Silva, 67 anos, Mosteiros

Oh! Ana, dá cá Joana
 Dá-me o quê
 Um vestido amarelo
 Uf, uf, uf
 Oh! Ana
 Que é Joana
 Dá-me um vestido
 De que cor
 Amarelo
 Uf, uf, uf.
 Maria da Luz Bettencourt, 77 anos, Lombas dos Mosteiros

O pobre Jacinto Pedro
 Morador na Ribeirinha
 Vigiava a sua esposa
 como o melro na couvinha.
 Um dia disse à mulher
 com ardor no coração
 que ia fazer um negócio
 à vila da Povoação.
 Seu marido era ido
 Brasileiro por ali passou
 Entra José para dentro
 Não fiques à porta da rua
 Faz de conta que esta casa é tua.
 Angelina Silva, 45 anos, Ponta Delgada
 (Ensinada pela avó, Isabel Araújo)
 Pão por Deus, queira Deus
 Seja tudo pelo amor de Deus
 Maria Cabral, 85 anos, Nordeste

Oração ao Menino Jesus

S. José foi buscar lume
 Porque em casa não havia,
 Quando São José chegou
 Já Jesus tinha nascido.
 Não quis nascer em Belém
 Nem em cama de alegria,
 Foi nascer à manjedoura
 Onde o boi bento comia.
 O boi bento bafejava
 Com a sua abafadura,
 E a mula descobria
 Com a sua ferradura.
 Maldição te dou mula
 Fruto tu não terás,
 Mas se fruto tu tiveres
 Tu não possuirás.
 O anjinho subiu ao céu
 Rezando uma Ave Maria,
 Ave Maria rezava
 E o anjinho ao céu subia.
 Pai eterno perguntou
 Como lá ficou Maria,

Ficou coberta de ouro
Mais o seu bendito filho.
O bercinho onde se embala
É de ouro e latão,
Aqui se acaba Senhora
Vossa Santa Oração.
Quem a souber que o diga
Quem a ouvir que a aprenda,
Lá no dia do juízo
Verá o que ela defenda.
A seu pai a sua mãe
Toda a sua geração.
Maria da Luz Melo, 78 anos, Ponta Delgada
(Ensinada pela mãe Maria dos Anjos Araújo, Lombas dos Mosteiros)

Contos

Os contos, casos na designação local, são histórias que avós, pais ou mães contavam às crianças. Quando o adulto terminava de contar o caso, as crianças, geralmente, faziam muitas perguntas sobre os pormenores das histórias ou sobre o que acontecia depois às personagens. Estes casos, para além de divertirem as crianças, como poderemos observar, em muitos sobressai um “humor quase satírico”; serviam, também, para educá-las, para lhes transmitir valores morais. No final do caso, sempre a voz do adulto admoestava a criança com um “olha o que acontece aos maus!” ou “não deves fazer o mesmo para não seres castigado!”

Em Cabral (2015), podemos ler as principais características do conto açoriano:

Ao longo da evolução do conto açoriano, há, igualmente, uma variedade de representações temáticas, pois, consoante às épocas, as estéticas e os autores, a ilha é percecionada, por um lado, de forma positiva, quer como um espaço idílico, quer como o paraíso perdido da infância, quer como um lugar mítico e primordial; e, por outro, como um espaço de clausura e de isolamento, como um local inseguro afetado por forças da natureza, como um espaço de miséria social e humana, e, ainda, como um lugar em que o tempo é fixo, circular e suspenso (CABRAL, 2015, p. 19).

Estes casos eram contados à volta do milho, quando era esgalhado pelo avô ou bisavô, ou se houvesse algum membro da família do sexo masculino contador de histórias, evocando o imaginário pessoal e social, e todos se calavam, inclusive as crianças, que se sentavam à volta.

Podemos encontrar a mesma situação de acordo com Cabral (2014, p. 57)

No conto “Dois lugares vazios”, de *Água de Verão: Contos e Narrativas*, de Florêncio Terra, o narrador de primeiro grau cede a palavra a um velho açoriano, contador de histórias, que evoca o imaginário pessoal e social da sua infância e juventude num serão onde estão todos reunidos à sua volta: “quando o velho açoreano, desde longos anos 58 expatriado, começou a sua narrativa, todos se calaram e formaram círculo em volta dele escutando atentamente” (TERRA, 1987, p. 15).

Ou, então, no inverno juntavam-se ao anoitecer, comendo milho cozido e era a oportunidade de mais um conto. Tudo isto foi desaparecendo e, hoje em dia, apenas as pessoas com mais de 40 anos ainda se lembram de ouvir os avós ou pais contarem casos à porta do forno.

**Fotografia 2 – A desfolhada do milho. Óleo sobre a face lisa da folha de platex
1974, José Bettencourt**



Autor: Pedro Reis

Os bonequinhos de barro

Quando o menino Jesus era pequenino, fazia bonequinhos de barro e estava colocando à beira de um tanque e passou uma pessoa de idade e disse assim:

– O menino está violentando o domingo.

E o menino Jesus respondeu:

– Não, não estou violentando o domingo, estou trabalhando, estou criando e voltou-se para os passarinhos:

– Voai, passarinhos, e os passarinhos de barro começaram a voar e a cantar.

Vadir, 84 Anos, Nordeste

(Contado pela mãe)

O brandeiro que crescia

Nossa Senhora trabalhava muito, nunca aparecia.

Nossa Senhora fiava linho e, quando acabava, pedia ao menino Jesus para ir levar aquilo à senhora que lhe tinha encomendado.

Um dia, Ele foi levar a uma senhora, e a senhora da casa disse que Nossa Senhora tinha umas mãos de fada e disse ao menino:

– Espera, querido, que eu vou pôr pão no forno e vou-te dar um brandeirozinho.

O menino Jesus esperou. Ela pôs o pão no forno e, mal chegou ao forno, o pão cresceu, cresceu e ficou maior do que os pães grandes. E ela pensou – eu não vou dar este pão. E voltou a pôr outro brandeirozinho no forno e este voltou a crescer, a crescer, a crescer. Então, a senhora disse:

– Isto é por causa deste Menino e vou-lhe dar este pão grande.

Embrulhou o pão e deu ao menino Jesus para levar a Nossa Senhora.

*Conceição Silva, 68 anos, Nordeste
(Contado pela mãe)*

Nossa Senhora mandava o seu filho à fonte

Nossa Senhora mandava o menino Jesus à fonte.

O menino Jesus levava a sua talhinha pequenina.

Então, havia como que uma descida até chegar à fonte e o menino Jesus deitou a sua talhinha e esta correu, correu, correu, e chegou lá abaixo inteira. Os outros meninos viram e fizeram o mesmo, deitaram as talhinhas pela encosta e partiram as talhinhas todas.

Quando os rapazes chegaram à casa com as talhas todas partidas, as mães disseram:

– Como é que partiram as talhas?

E começaram a brigar.

Eles disseram:

– A culpa não foi nossa. O filho de Maria foi o primeiro que fez e a sua mão se partiu. As nossas se partiram.

Então, as mães foram ter com Nossa Senhora para saber como era aquilo.

Perguntaram a Nossa Senhora que dom é que o filho tinha e Nossa Senhora disse:

– Eu não sei. Mandeí o meu filho à fonte como vocês mandaram os vossos, mas vou dizer ao meu filho para não tornar a fazer.

*Vadir, 84 anos, Nordeste
(Contado pela mãe)*

O beijo do menino Jesus

O menino Jesus estava em casa com a sua mãe e havia um grande alarido e o menino Jesus saiu à rua para ver o que era.

Então, era um rapaz que tinha sido mordido por uma viborazinha, uma cobra.

O menino Jesus foi ao pé dele e deu-lhe um beijo onde tinha sido mordido e ele ficou logo bom. E, então, ele deu um empurrão no menino Jesus, quando o menino Jesus lhe estava a dar um beijo, e o menino Jesus caiu.

O menino Jesus voltou-se para ele e disse:

– Tu és Judas. Um dia vais vender-me por 30 dinheiros.

Conceição Silva, 68 anos, Nordeste

(Contado pela mãe)

O homem que tinha três filhos

Um homem tinha três filhos, foram-se criando e, já crescidos, um dia, um disse ao pai que queria estudar para roubar. O segundo disse que ia estudar para matar. E o terceiro disse que ia estudar para pedir.

O pai ficou muito surpreendido com o que eles disseram e perguntou que história era essa.

O primeiro filho disse que ia estudar para advogado, porque os advogados roubam e não são presos.

O segundo filho disse:

– Eu quero estudar para médico, os médicos matam e não são presos!

O terceiro filho disse:

– Eu quero estudar para padre, os padres estão sempre a pedir!

Conceição Mateus, 67 anos, Mosteiros

(Contado pelo pai, José Mateus)

As botas das sete léguas

Era uma vez um casal, mas a mulher era atrasada. E mataram um porco, guardaram bocados de toucinho ao fumo e, depois, comiam as fatias. O homem dizia à mulher:

– Só se pode começar a comer o toucinho no dia de Santo Antão.

Um dia, bate à porta um homem, e a mulher perguntou se ele era Santo Antão. O homem disse que sim. Diz, então, a mulher:

– O senhor espere que eu vou buscar o toucinho para dar a Santo Antão.

A mulher foi buscar o toucinho e deu ao homem, e ele foi embora.

O marido chegou a casa, e ela disse:

– Já dei o toucinho a Santo Antão.

E contou a história de como Santo Antão lhes tinha batido à porta.

O marido disse à mulher:

– Dá-me as botas de sete léguas e puxa a porta e vem comigo!

A mulher, que era tonta, tirou a porta e levou-a à cabeça. Já era noite e não viam o homem do toucinho, subiram em uma árvore e puseram a porta em cima. Tarde da noite, três ladrões puseram-se debaixo da árvore a contar dinheiro, e a mulher dizia:

– Ó, Manuel, eu quero mijar!

Ele dizia:

– Ó, mulher fica calada!

Ela começa a mijar e os homens diziam:

– Está chovendo água quente!

A mulher empurrou a porta, e os ladrões fugiram.

– Misericórdia meu Jesus! Isto parece o fim do mundo!

O marido e a mulher desceram da árvore, pegaram no saco do dinheiro e foram para casa. Quando chegaram a casa, o homem diz à mulher:

– Faz uma panela de papas!

Depois de as papas estarem prontas, ele pegou em colheres e foi atirando as papas, e dizia:

– O dia em que levantou colheres e choveu papas!

A mulher, no outro dia, foi dizer às vizinhas:

– O meu marido tem um saco de dinheiro!

A nova foi correndo de boca em boca e chegou à polícia. O homem foi chamado à polícia e negou que tinha dinheiro. E perguntaram à mulher em que dia tinha sido que o homem trouxera o saco do dinheiro. A mulher respondeu:

– No dia em que levantou colheres e choveu papas.

Ninguém acreditou nela, nunca tinha levantado colheres e chovido papas. O marido viveu tranquilamente com o dinheiro escondido.

Conceição Mateus, 67 anos, Mosteiros

(Contado pelo pai, José Mateus)

Jorge Ovelha

Havia um casal e a mulher tinha um amante. O marido chamava-se Jorge e, quando o casal andava pelo caminho e encontrava-se com o amante, este, ao cumprimentá-los, dizia-lhes:

– Bom dia, Jorge Ovelha.

Isto se passou em vários dias e várias vezes. Um dia, o marido fez a pergunta à mulher:

– Por que é que aquele homem me chama Jorge Ovelha?

Ela disse:

– Deixa estar que, para a próxima, eu vou-lhe responder.

E assim foi. Quando o amante lhe disse “Adeus, Jorge Ovelha”, ela lhe respondeu:

– Olha, não o chames Jorge Ovelha, mas sim, corno retorcido de trás da orelha.

*Henrique da Silva, 69 anos, Lombas dos Mosteiros
(Contado pela mãe, Isabel Araújo)*

A lenda dos nove irmãos

No meio do oceano, havia um país lindo, com árvores a cobrir grandes montanhas. Algumas eram tão grandes que pareciam chegar ao céu. Ora, nesse país havia um rei que tinha nove filhos muito amigos, e, um dia, chamou-os e pediu-lhes que lhe dissessem que sítio preferiam, pois ele queria dar uma propriedade a cada um. Todos escolheram montanhas, mas, como se entendiam bem, não houve discussões e cada um foi para um dos nove cumes montanhosos do país, tendo marcado encontro para daí a um ano.

Na véspera desse dia, eles andavam tão excitados que mal conseguiram dormir. De noite, ouviram um grande ruído, e, aterrorizados, viram que o continente se tinha afundado, ficando à tona apenas os nove cumes. Agora, a única maneira de se comunicarem era de barco, de maneira que deitaram mãos ao trabalho.

Pouco tempo depois, estavam todos a abraçar-se, pois aprenderam a viajar pelo mar, já que, agora, vivia cada um numa ilha, nas ilhas dos Açores.

Joana Cabral, 84 anos, Nordeste

Os Sete Picos

Nas Sete Cidades, havia um conjunto de sete picos, antes de rebentar o grande vulcão, que formou a freguesia dos Mosteiros.

Ainda hoje se observa as sete crateras, a contar com a grande lagoa, ou cratera das Sete Cidades, e, dentro dessa, tem mais duas, a Caldeira do Alferes, a Caldeira Seca, a Lagoa de São Tiago, a Lagoa do Canário, o Pico ou Lagoa das Éguas, e as Lagoas Empadadas.

Diz-se que esta parte da ilha foi povoada mais tarde, e que as pessoas que viviam para os lados de Vila Franca diziam que, para o lado Nascente, havia línguas de fogo.

Henrique Silva, 67 anos, Lombas dos Mosteiros

5. Considerações finais

A ilha de São Miguel sofreu várias mudanças nos últimos 50 anos, quer em nível econômico, social e cultural, no entanto, são os avós que continuam a fomentar a passagem das tradições aos netos.

Nos Açores, mais precisamente na ilha de São Miguel, como pudemos constatar, os avós desempenham um papel fundamental na educação das crianças quer seja nos primeiros anos de vida, nomeadamente em nível econômico, em nível dos cuidados às crianças, com alimentação, higiene, e sono, bem como em nível das brincadeiras e passeios, quer seja nos anos escolares, em nível da sua presença nas festas escolares, trabalhos de casa e nas tradições culturais.

As histórias/contos fazem parte da relação avós/netos e, muitas vezes, são os netos que solicitam que os avós as contem. Outros valores são passados por meio de conversas, orações, histórias de vida e brincadeiras.

O patrimônio oral continua a ser mantido, essencialmente, pelos avós, que tentam transmitir valores, usos e costumes, mediante a oralidade, ou mesmo por meio da higiene, dos brinquedos e brincadeiras.

REFERÊNCIAS

CABRAL, M. **O conto literário de temática açoriana: a ilha, o mar e a emigração**. Tese de Doutorado. Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10773/3963>>. Acesso em: dez. 2016.

_____. **O Conto Literário de Temática Açoriana: Estudo e Antologia**. Açores: Companhia das Ilhas, 2015.

FORTUNA, M.; COUTO, G.; FAIAS, C. **Development Opportunities between Azores and New England**. Centro do Empreendedorismo, Açores, 2007. Disponível em: <http://www.empreendedorismo.uac.pt/doazne/DOAZNE_II_Portugues.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

GOUVEIA, J.; ARTUR, M.; MEDEIROS, M. **Protecção Materno-Infantil no Distrito de Ponta Delgada**. Trabalho apresentado no VIII curso de Atualização e Aperfeiçoamento em Pediatria. Ponta Delgada, (s/d).

NEMÉSIO, V. **O Verbo e a Morte**. 10. ed. Lisboa: Moraes Editora, 2004.

ORTIZ, R. As ciências sociais e a cultura. **Tempo Social**. Rev. Sociol. USP, S. Paulo, v. 14, n. 1, p. 19-32, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v14n1/v14n01a02.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

PELEGRINI, S. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 115-140, 2006.

_____. Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: histórias, narrativas e memórias. In: **III Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP**, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/PELEGRINI,%20Sandra%20C.%20A.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

PORDATA. **Índice de envelhecimento**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Portugal, 2016. Disponível em: <<http://www.pordata.pt/Municipios/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-458>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

RAMOS, N. Famílias e crianças em contexto de pobreza e exclusão – do desenvolvimento à saúde e à educação. In: **Psychologica**, v. 38, p. 241-263, 2005.

_____. Avós e netos através da(s) imagem(s) e das culturas. In: N. Ramos, M. Marujo, A. Baptista (eds). **A voz dos Avós, Migração, Memória e Património Cultural**. p. 33-56. Portugal: Gráfica de Coimbra, 2014.

SILVA, A. **Desenvolvimento infantil**. Lisboa: Climepsi editores, 2011.

_____. A colaboração dos avós na educação dos netos. In. **Interfaces Científicas Educação**, Aracaju, v. 1, n. 1, p. 67-75, 2012.

O envelhecimento da população representa um dos fenómenos demográficos mais preocupantes das sociedades modernas do século XXI. Esta aceleração do envelhecimento populacional em nível mundial deve-se, essencialmente, ao crescimento e aumento nas sociedades desenvolvidas, aos progressos da medicina, aos cuidados de saúde e às políticas sociais orientadas para a diversidade e especificidade das necessidades sociais das pessoas idosas.

Este fenómeno tem, correspondentemente, reflexos de âmbito societal, nacionais, com impacto tanto na definição das políticas sociais e de sustentabilidade, como nas alterações de índole individual que conduzem a comunidade a adaptar novos estilos de vida. Toma-se, assim, necessário aprofundar o conhecimento acerca deste fenómeno e dos seus reflexos sociais de forma a encontrar alternativas que levem à construção de uma sociedade mais inclusiva e adequada às necessidades das pessoas idosas.

No que concerne ao conceito de "Wellness", não podemos afirmar a existência de uma definição universal, pois trata-se de um conceito em permanente construção e que difere entre as distintas organizações sociais e os valores dos diferentes grupos humanos.

Neste contexto, diremos que o envelhecimento depende de múltiplos fatores, o demográfico, o político, o médico, o social e cultural, os económicos entre outros, variando este conjunto conforme as épocas e as culturas e, consequentemente, consoante os modos de vida e os meios médicos, científicos e tecnológicos.

Em 1998, a OCDE definiu Envelhecimento Ativo como:

a capacidade de as pessoas que avançam em idade levarem uma vida produtiva na sociedade e na economia. Isto significa que as pessoas podem elas próprias determinar a forma como repartem o tempo de vida entre as actividades de aprendizagem, de trabalho, de lazer e de cuidados aos outros (OCDE, 1998, p. 92).